

## OS PROCESSOS DE GRAMATICALIZAÇÃO E DISCURSIVIZAÇÃO DO AÍ USADO POR FALANTES DE DISTINTOS GRAUS DE INSTRUÇÃO

Hugo Henrique Barbosa da SILVA

Universidade de Pernambuco

[hugohbsilva@outlook.com](mailto:hugohbsilva@outlook.com)

**Resumo:** A fim de comprovar uma eventual naturalidade nas variações e mudanças linguísticas, este trabalho procurou identificar em que estágios se encontra o item “aí” usado por falantes de distintos graus de instrução, no que se refere aos processos de gramaticalização e discursivização eventualmente sofridos pelo item em questão. Na análise, consideramos os 114 usos desse item identificados nas entrevistas realizadas com uma professora e seus sete alunos de uma turma de Educação de Jovens e Adultos e habitantes de zona rural que iniciavam seus estudos na escola ou tentavam concluí-los. Para fundamentar nossa pesquisa, foram levadas em conta as contribuições teóricas de Martelotta (1996), Neves (1997), Tavares (2003), dentre outros. A análise dos itens contém a exposição de excertos das entrevistas (identificando suas eventuais funções) e a utilização de gráficos e esquemas. Em linhas gerais, este artigo apresenta uma visão de língua de natureza fluida e com uma gramática emergente que se opõe à visão de língua estanque defendida pela gramática tradicional e, ainda hoje, com bastante influência no âmbito escolar.

**Palavras-chave:** Gramaticalização; funcionalismo; discursivização.

### Introdução

A corrente formalista sempre evitou analisar a língua em uso por diversas razões, dentre elas: caráter estritamente particular desse ato (o que não concederia à Linguística notoriedade diante de outras ciências, nem funcionalidade); ausência de lógica em determinados usos (o que caracterizaria o caos linguístico). No entanto, em meados do século XX, ao investigar as falas de nova-iorquinos, William Labov começou a perceber que havia regularidades no uso linguístico.

A partir dessa descoberta, a maioria dos estudos da Linguística voltou-se para investigar a língua no seu contexto de interação, lidando agora com dados reais e considerando como naturais suas variações e mudanças. Nessa perspectiva encontra-se a corrente funcionalista da linguagem que, sobretudo, está dedicada a investigar os usos de línguas naturais a fim de perceber como se dá a eficiência comunicativa de seus falantes. Além disso, analisamos o item aí sob a perspectiva da gramaticalização/discursivização que, a seu turno, mapeia os usos mais ou menos gramaticalizados ou discursivizados (isto é, usos mais ou menos abstratos).

É nessa perspectiva voltada para a eficiência comunicativa que se enquadra esta pesquisa, pois buscamos analisar o comportamento do item “aí” usado por falantes de distintos graus de instrução: uma professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA), pós-

graduada e habitante de zona urbana; e seus sete alunos, habitantes de um assentamento, trabalhadores rurais e que estavam iniciando ou dando continuidade à sua vida escolar. O tema da entrevista com a professora estava relacionado à sua experiência em turmas da EJA e o tema das entrevistas dos alunos estava relacionado à importância da escola/escrita em suas vidas.

Antes de realizarmos as entrevistas, frequentamos as aulas durante aproximadamente o período de 8 meses para que existisse um vínculo mais próximo entre o entrevistador e os indivíduos entrevistados e, dessa maneira, permitir que eles se sentissem mais à vontade. As identidades dos alunos entrevistados foram preservadas e substituídas por abreviações referentes à primeira letra dos nomes de pedras preciosas (“Esmeralda”; “Diamante”; “Ametista”; “Rubi”; “Cristal”; “Pérola”; “Safira”) e a letra J para identificar o nome da professora porque o nosso interesse precípuo era investigar os usos que eles fazem da linguagem.

Foram identificados nessas entrevistas 114 usos do “aí” com funções mais ou menos abstratas. É importante ressaltar que uma pesquisa como esta, realizada no Nordeste do Brasil, pode auxiliar na compreensão das diversas maneiras de nos comunicarmos em nosso país, ou seja, ajudará a constituir o mosaico de como a língua portuguesa é utilizada por nós.

Apresentaremos a seguir o marco teórico que norteou esta pesquisa, a origem e as tendências do item investigado, a análise dos dados com a apresentação de excertos das entrevistas, esquemas e gráfico com a finalidade de ilustrar melhor a nossa explanação e, por último, as considerações finais.

## 1. Funcionalismo em Linguística: breves considerações

O funcionalismo em linguística contrapõe-se à concepção formalista, principalmente, no que se refere à consideração de que os usos dos indivíduos são impossíveis de serem analisados ou não serem prioridade nos estudos da linguagem, devido ao seu alcance particular (e por isso restrito). Entretanto, com o advento da Sociolinguística (na década de 1960), foi possível perceber de maneira mais evidente que há lógica no caos aparente da linguagem em uso porque não há variação nem mudança linguística que ocorrem de qualquer maneira. Ademais, que é possível identificar elementos universais na linguagem por meio de seus elementos mais particulares.

Embora sempre façamos referência ao Funcionalismo como uma corrente, ela é composta de várias outras. Autores distintos enfocam temas distintos dentro da perspectiva do uso linguístico. Halliday, por exemplo, está mais interessado em analisar o papel desempenhado pela linguagem na vida das pessoas. Beaugrande, por sua vez, apresenta correlações forma e significado. Enquanto Givón dedica-se a analisar a estrutura da língua, considerando as influências da situação comunicativa (Cf. Neves, 1997, pp. 01-08).

Contudo, a concepção que caracteriza todos “os funcionalismos” é a **concepção integrativa**. Nessa concepção, “a linguagem é vista como uma ferramenta cuja forma se adapta às funções que exerce e, desse modo, ela pode ser explicada somente com base nessas funções, que são, em última análise, comunicativas” (PEZATTI, 2005, p. 168). Em outras palavras, a concepção integrativa visa conjugar os dados da situação comunicativa com os usos linguísticos dos indivíduos. Desse modo, há um ponto discordante relevante entre os

estudos funcionalistas e os formalistas: a inclusão do indivíduo e, por conseguinte, a inclusão do seu contexto situacional, bem como as influências exercidas pelos indivíduos na estrutura da língua – posição essa rechaçada veementemente pelo formalismo estruturalista de Saussure<sup>1</sup>.

Os princípios funcionalistas que ajudam a delinear a perspectiva deste trabalho são três: **iconicidade**, **prototipicidade** e **marcação**. A iconicidade é o princípio em que “a estrutura da língua reflete a estrutura da experiência, ou seja, a estrutura do mundo (geralmente incluída a perspectiva imposta sobre o mundo do falante)” (NEVES, 2004, p. 21). A prototipicidade revela a forma de encarar os termos da língua com um caráter não estanque, no que se refere às suas funções (semânticas e sintáticas), predominando a concepção de *continuum*. Já a marcação “permite que se comparem as propriedades estruturais e funcionais dos elementos linguísticos, como quantidade de matéria linguística, a ocorrência e a demanda de atenção exigida” (SILVA, 2013, p. 21).

## 2. Gramaticalização e Discursivização: abstratização metafórica e mudança linguística

Uma das perspectivas funcionalistas que ajuda a mapear os estágios de mudança e variação linguísticas é a teoria da gramaticalização. De acordo com essa perspectiva, os itens que possuem significados lexicais passam também a ter significados gramaticais ou gramaticais e passam a ter significados mais gramaticais. Em outras palavras,

a gramaticalização é definida como o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (NEVES, 1997, p. 115).

Consideremos os significados lexicais como “descrições ou referências a dados ou seres do universo biossocial” (SILVA, 2005, p. 93) – menos abstratos; e os significados gramaticais como os que “desempenham funções organizadoras do discurso, encontrando sua razão de ser na relação que engendram entre referentes lexicais” (idem) – mais abstratos.

Dois são os principais mecanismos da gramaticalização: a **metáfora** e a **metonímia**. A metáfora consiste na “transferência conceptual (...), que aproxima domínios cognitivos diferentes” (Gonçalves et al., 2007, p. 42). Já a metonímia consiste na “motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto” (idem). Para quem está acostumado a classificá-las como figuras de linguagem pode parecer estranho relacionar as atividades cognitivas metafóricas ou metonímias à variação e à mudança linguística, mas, conforme Lakoff e Johnson (2002), “a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas no pensamento e na ação” (p. 45). Dentre outros tipos de abstração, Neves (1997) credita à abstração metafórica (em que há a relação entre conceitos mais abstratos e mais concretos) a maior responsável pelo processo de gramaticalização (cf. pp. 131-2).

---

<sup>1</sup> Observemos Silva (2013) acerca desse fato: “Outra questão apresentada por Saussure foi o caráter arbitrário dos signos linguísticos, isto é, “o significante é *imotivado* (...)” e não mantém, no que diz respeito ao significado, “(...) nenhum laço com a realidade” (SAUSSURE, 1916, p. 83, grifos no original). Isso significa que o signo linguístico – composto por significante (imagem acústica) e significado (conceito) – “aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção” (idem, p. 82)” (2013, p. 15).

O princípio mais determinante do processo de gramaticalização é o da unidirecionalidade. Conforme esse princípio, os termos mais lexicais passam a ser mais gramaticais por meio da abstratização metafórica ou metonímica e nunca o contrário, seguindo apenas a direção até o significado mais abstrato. Isso ocorre também no processo de discursivização que, a seu turno, diz respeito ao

processo de mudança que leva determinados elementos linguísticos a serem usados para reorganizar o discurso, quando suas restrições de linearidade se perdem em função da improvisação típica da fala, ou para preencher o vazio comunicativo causado por essa perda (Martelotta e Alcântara, 1996, p. 277)

Um dos aclives mais famosos e que serve para ilustrar o *continuum* do processo de gramaticalização foi o proposto por Heine et al. (1991a) *apud* Gonçalves et al. (2007, p. 40). Lembrando que quanto mais à direita desse aclive, mais abstrata a categoria conceitual é. Observemos:

Pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade

A seguir, apresentaremos a origem e as tendências do *aí*, considerando o *continuum* do processo de gramaticalização e discursivização.

### 3.A origem e as tendências do item “*aí*”

O item “*aí*” é amplamente encontrado na oralidade e também passa pelo processo de gramaticalização. Ainda de acordo com Tavares (2003, p. 159), o termo “*aí*” é oriundo da palavra pertencente ao português arcaico provavelmente do século XIII “*i*” (hi / hy) que, a seu turno, provém da palavra latina *ibi* que já apresentava significados diferentes como “nesse lugar, nesse momento”. Daí, podemos perceber que essa palavra já apresentava significados relacionados a lugar e tempo.

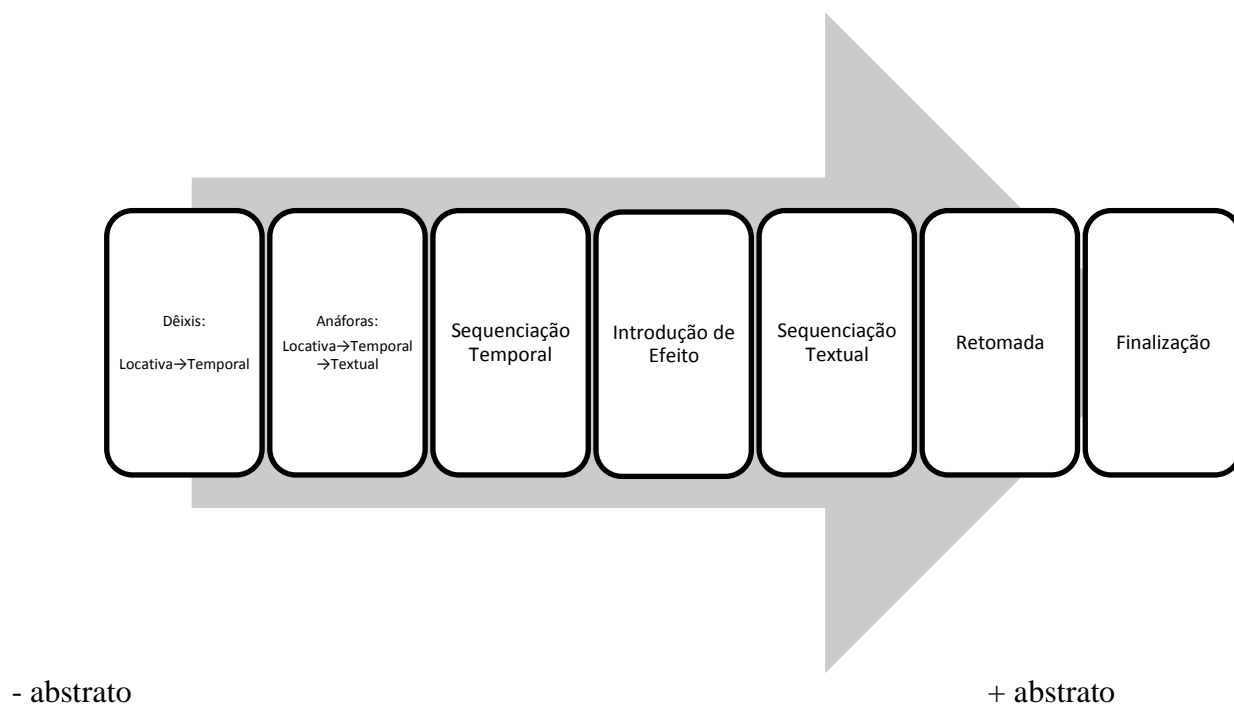
Tavares (2003), com efeito, explicita que a característica dêitica desses elementos estava presente desde muito tempo e persiste nos dias atuais, isto é, caracteriza-se como um elemento responsável por uma conexão entre a situação e o que é dito. Mas esse caráter não é o único apresentado pela autora, pois ela comprova que o “*aí*” passa por vários estágios do processo de gramaticalização.

Esse elemento também é utilizado para realizar anáforas locativas e temporais. Em outras palavras, ele também se torna responsável por promover referências a locais e instantes. Tal evento, certamente, por meio da abstratização, principalmente, orquestrada pelas metáforas e metonímias, também influencia o comportamento do “*aí*” que age como um sequenciador retroativo-propulsor.

Ao atuar com a função de sequenciador retroativo-propulsor, ele organiza o discurso: unindo informações subsequentes e introduzindo efeito, concomitantemente ou não, pois essas relações de sequência temporal e introdução de efeitos estão muito próximas. Essas funções tornam-se tão próximas já que uma função não necessariamente exclui a outra, ocorrendo (co)incidência entre a consequência temporal e a consequência lógica.

O *aí* pode apresentar algumas funções distintas e compreender sentidos distintos, são eles: **Dêixis** (locativa e temporal) – com a função de apontar para elementos da enunciação; **Anáfora** (locativa, temporal e textual) – com a função de resgatar alguma informação dita anteriormente relacionada ao lugar, ao tempo ou ao texto; **Sequenciação temporal**;

**Introdução de efeito; Sequenciação textual; Retomada; e Finalização.** Observemos o esquema que representa o *continuum* de gramaticalização e discursivização do “aí”:



Esquema 1: Processo de gramaticalização/discursivização do termo “aí”, de acordo com Tavares (2003)

O *continuum* representado no esquema 2 demonstra, inclusive, que o sentido do “aí” transita entre valores mais lexicais, mais gramaticais e mais discursivos, isto é, entre valores espaciais, temporais, textuais e discursivos.

É importante ressaltar que Pereira e Oliveira (2011), apesar de não destrincharem as funções de sequenciação temporal e textual e considerarem a introdução de efeito como um tipo de sequenciação (cf. exemplos e explicações da página 1840), apresentam duas funções não percebidas por Tavares (2003) como “especificador de Sintagmas Nominais indefinidos” e “estruturas pré-fabricadas”, sendo que a primeira possuía “característica típica de qualificador de nomes que é de aparecer junto ao sintagma nominal” (p. 1839) e a segunda são “convenções de termos utilizados em sequência” (p. 1840) como, por exemplo, as expressões “t’ aí” e “por aí vai”.

Os estudos de Pereira e Oliveira (2011) foram levados em consideração, pois as nossos *corpora* mantêm algumas características que se aproximam, quais sejam: tratamos de textos orais produzidos por falantes da região Nordeste do Brasil e o fato de considerarmos a escolarização dos falantes como um dos critérios levados em conta, dentre outras informações relevantes.

A seguir, analisemos os usos do item em questão nas entrevistas.

#### 4.Aí

O termo *aí* foi identificado 114 vezes, sendo o segundo mais utilizado em todo o *corpus*. No entanto, o grupo com o menor grau de instrução usou muito mais esse item para realizar sequenciações temporais, principalmente. Além disso, alguns usos do “*aí*” elencados no esquema 2 não foram identificados, por isso, apresentaremos a seguir o gráfico que ilustra as porcentagens e usos efetivamente realizados pelos falantes investigados:

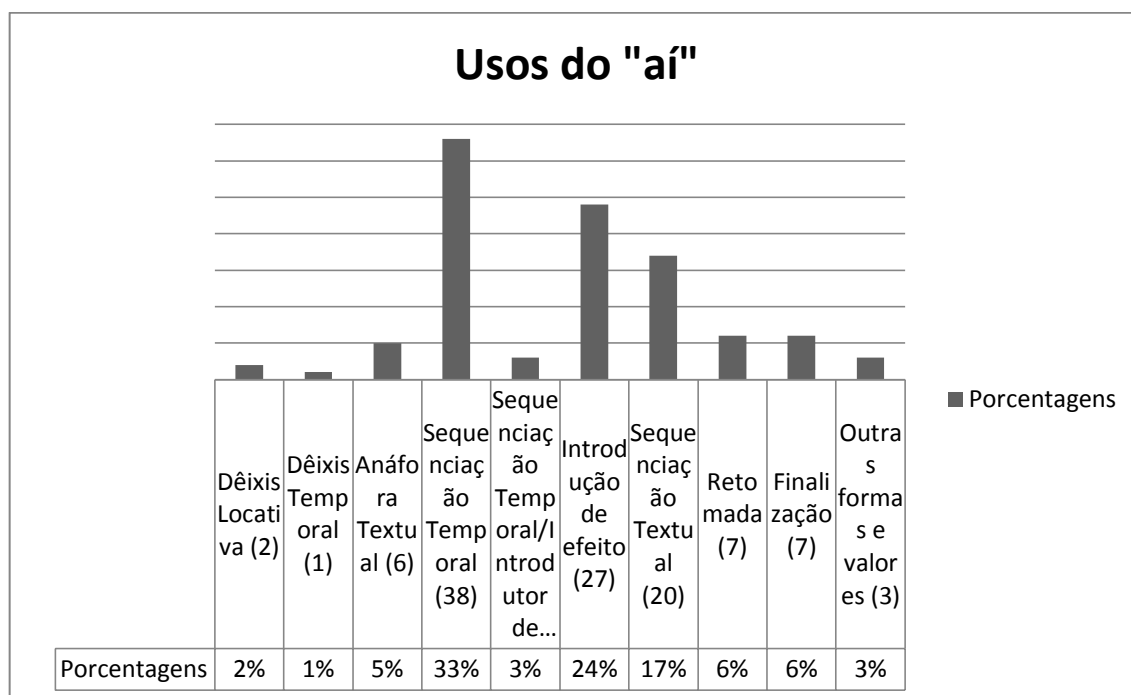


Gráfico 1: Porcentagens aproximadas dos usos do “*aí*”

De acordo com a ilustração do gráfico, é possível concordar que a sequenciação temporal foi o uso mais verificado em nosso *corpus* no que se refere ao uso do “*aí*”, seguido dos usos de introdução de efeito e de sequenciação textual, respectivamente. Podemos conferir ainda que os usos dêiticos existem, embora de maneira bastante reduzida, restritos ao grupo com menor grau de instrução. Enquanto isso, o grupo com maior grau de instrução fez 9 usos do “*aí*”, funcionando basicamente como anáfora textual e sequenciação textual.

A sequenciação temporal é aquela que une ações sucessivas e foi a função mais utilizada. Observemos alguns exemplos desses usos:

- (01) minha mãe adoeceu fui pra casa fiquei em casa e até quando eu me casei **aí** quando eu me casei eu deixei o estudo pra lá ((risos)) **aí** depois o meu esposo morreu **aí** apareceu de novo/ (Entrevista com a aluna E, linhas 19 a 22)
- (02) “se essa roupa não der em mim eu posso vim destrocar?” **aí** o homem da loja diz assim “pode” **aí** eu trago aquela roupa (Entrevista com a aluna A, linhas 101 a 103)
- (03) eu perguntei a ela **aí** ela disse que a menina dava aula aqui (Entrevista com a aluna S, linhas 4 e 5)

No excerto (01), há três usos do termo “aí”, dentre os quais os dois primeiros vêm acompanhados de palavras que designam valor temporal (*quando* e *depois*), reiterando a ideia de sucessão temporal já existente no “aí”. No último uso do excerto (01) e nos usos dos trechos (02) e (03), é possível perceber que as ações narradas anteriormente à inclusão do termo em questão antecederam as ações apresentadas posteriormente à introdução dele. Isso também significa dizer que a ordem cujos fatos foram apresentados textualmente está diretamente relacionada à ordem cronológica em que os fatos ocorreram efetivamente e, pelo que pudemos constatar, o “aí” cumpre a missão de interligar essas ações eficientemente, caso contrário não seria tão utilizado.

Introduzir efeito foi a segunda função mais encontrada nas entrevistas estudadas – 27 usos, correspondendo a 24% do total. Observemos alguns fragmentos que contêm o “aí” veiculando essa função:

- (04) Não eu sou daqui mesmo que eu moro aqui e já existia **aí** eu vim participar já que eu não tive a oportunidade quando eu era jovem (Entrevista com o aluno D, linhas 06 e 07)
- (05) é difícil eu fazer meu nome pra ficar faltando letra, é muito difícil **aí** não sei porque hoje ((risos)) ficou faltando... (Entrevista com a aluna R, linhas 151 a 153)
- (06) Eu fui criada na roça **aí** meu pai não deixava a gente estudar não... era pra trabalhar somente... (Entrevista com a aluna C, linhas 36 e 37)

Em todos os trechos elencados acima, o “aí” é responsável por iniciar o efeito do evento narrado previamente. No trecho (04): a existência da escola foi um fator que levou o estudante a ingressar na escola; no trecho (05): a dificuldade encontrada pela aluna ao escrever seu nome é fator determinante para ela não saber escrevê-lo; e no trecho (06): o fato de ser criada na zona rural é considerado pela aluna como determinante para o seu pai não tê-la deixado estudar na infância. Além disso, ele pode ser substituído sem grande alteração de sentido pela expressão “por isso”, o que ratifica nossa argumentação:

- (04a) Não eu sou daqui mesmo que eu moro aqui e já existia **por isso** eu vim participar já que eu não tive a oportunidade quando eu era jovem
- (05a) é difícil eu fazer meu nome pra ficar faltando letra, é muito difícil **por isso** não sei porque hoje ((risos)) ficou faltando...
- (06a) Eu fui criada na roça **por isso** meu pai não deixava a gente estudar não... era pra trabalhar somente... (Entrevista com a aluna C, linhas 36 e 37)

Como verificamos, as duas funções mais encontradas em nosso *corpus* foram a sequenciação temporal e a introdução de efeito. Contudo, identificamos, com efeito, uma função que representa uma transição entre essas duas funções, isto é, o “aí” interligando ações sucessivas em que a segunda era consequência da primeira. Mais uma vez esclarecemos que a linha entre esses dois valores é muito tênue já que pode haver coincidência entre a sequência cronológica e a consequência lógica dos fatos. Observemos o seguinte fragmento que ilustra tal fenômeno:

- (07) Eu escrevo meu nome, o nome da professora, o nome do colégio... e alguma palavra que a professora escreve **aí** eu/ boto no quadro **aí** eu escrevo, boto no caderno... (Entrevista com a aluna R, linhas 76 a 78)

No trecho (07), podemos identificar tanto a função de sequenciação temporal quanto de introdução de efeito, pois o ato de a professora “botar” no quadro precede o ato de a aluna copiar, ademais, o fato de a aluna copiar depende de que a professora escreva no quadro.

A sequenciação textual é a terceira função mais identificada: 20 usos, equivalendo a 17% do total. Tal função do “aí” é mais gramaticalizada que as demais anteriormente citadas, pois está relacionada mais especificamente à organização de informações do turno discursivo que, a propósito, seria introduzir temas relevantes. Essa função foi junto com a anáfora textual a mais utilizada pelo grupo com maior nível de instrução. Verifiquemos alguns exemplos dessa função:

- (08) o perfil do aluno da cidade é um perfil de um aluno que a empresa tá solicitando **aí** ele/ que ele conclua aquele Ensino Médio, o ensino regular, Fundamental um e dois **aí** ele é obrigado a ir e o Ensino Médio também (Entrevista com a professora, linhas 219 a 222)
- (09) Sim porque naqueles tempo quando eu botava assim pra vender **aí** eu/ agora eu parei deixei de vender **aí** eu comprava um fardo de fuba **aí** as meninas chegava e comprava... (Entrevista com a aluna E, linhas 116 a 118)
- (10) ela disse que a menina dava aula aqui que tinha era outra professora, **aí** tinha outra novata **aí** ela perguntou quando eu queria vim... (Entrevista com a aluna S, linhas 05 e 06)

Os itens destacados nos excertos (08), (09) e (10) estão com a função precípua de introduzir uma informação importante ao tópico. A informação relevante introduzida no trecho (08) é a obrigatoriedade do aluno em concluir o ensino. Já a informação acrescentada ao trecho (09) é o esclarecimento de que não era a falante que comprava exatamente, mas sim as suas filhas<sup>2</sup>. Quanto ao fragmento (10), percebemos dois usos do “aí” com essa função: o primeiro apresenta a constatação de que existia realmente outra professora; o segundo apresenta o questionamento de uma amiga acerca da ida da falante à escola.

A retomada e a finalização juntas encontram-se empatadas em quarto lugar no que se refere à preferência dos falantes entrevistados ao usarem o item “aí”. Cada uma dessas funções possui 7 incidências, correspondendo separadas a 6% e juntas a 12% do total. Aliás, são as funções do “aí” mais abstratas encontradas por estarem mais especificamente ligadas à organização do discurso, como introduzir um retorno ao tema do tópico após digressões ou encerrar o tópico. Analisemos o que ocorre nos trechos seguintes:

- (11) Foi ela a professora lá em casa me chamou mandou eu vim estudar de noite e **aí** eu disse a ela “eu acho que não vou não estudar mais não, não quero estudar mais não” eu já estudei aqui no ano passado com a outra professora/ mas ela disse “não mas

---

<sup>2</sup> Isso pressupõe talvez que a entrevistada teria financiado a compra do produto enquanto suas filhas teriam realizado efetivamente a compra: ido ao local da venda e trazido o produto.



vamo estudar de noite, rapaz é bom porque tu aprende mais teu nome”... eu sabia o meu nome mas eu não sabia muito agora eu tô sabendo mais... **aí** eu vim porque ela me chamou... (Entrevista com a aluna R, linhas 12 a 17)

- (12) Lê não li não mas eu pegava no dinheiro fazia qualquer compra assim eu tenho a matemática na minha cabeça muito boa como ainda tenho, agora pra ler eu não lia não mas pra pegar no dinheiro, saber quanto tem, investir em qualquer coisa, quanto sobrou, quanto tem e quanto não tem... isso **aí** eu sabia... (Entrevista com o aluno D, linhas 97 a 101)
- (13) hoje em dia a gente quer aprender e não pode, agora não aprende (XXXX) porque quando era pequena não tinha tempo de ir pra escola... eu (XXXX) os irmãos em casa, era pequeno os meus irmãos (XXXX)... **aí** pronto... agora (XXXX)... (Entrevista com a aluna P, linhas 71 a 74)

O excerto (11) indica claramente uma retomada ao que foi dito anteriormente após divagações sobre o seu retorno à escola. Na verdade, a informação apresentada após o termo em destaque em (11) já foi dita no início do tópico, mas é retomada a fim de que se deixe mais clara a razão que a levou a ir à escola novamente. Nos excertos (12) e (13), o “aí” indica finalização do tópico – o uso em destaque apresenta ainda o uso do item “isso” que reitera essa ideia. Um caso que acredito ser peculiar em nossa região é a união entre o item “aí” e o item “pronto” para indicar fim de tópico. Esse caso ocorreu 03 vezes sempre com a finalidade de encerrar o tópico ou com a tentativa de encerrá-lo.

Embora não existissem em nosso *corpus* evidências de usos anafóricos locativos e temporais do item “aí”, existiram alguns usos anafóricos textuais os quais se remetem ao que foi dito antes. A anáfora textual foi o quinto uso mais encontrado – 6 incidências, correspondendo a 5% do total. Observemos um fragmento que contém o “aí” com essa função:

- (14) a EJA do campo ele não domina ainda só sabe ligar e desligar a televisão eles não sabem inserir um CD ou um DVD eles não sabem então veja a diferença **aí** (Entrevista com a professora, linhas 202 a 204)

O “aí” comporta-se no trecho (14) como um item que traz à tona tudo o que foi dito antes. Indubitavelmente, podemos considerar como um item que cumpre o papel semelhante ao apresentado por “nisso”, retomando o que foi dito, por exemplo, o fato de alunos da zona rural terem dificuldade para lidar com aparelhos eletroeletrônicos. Consideremos uma substituição possível:

- (14a) a EJA do campo ele não domina ainda só sabe ligar e desligar a televisão eles não sabem inserir um CD ou um DVD eles não sabem então veja a diferença **nisso**

Ainda que a quantidade seja ínfima, os usos mais antigos identificados em língua portuguesa do “aí” foram encontrados: dêixis locativa (2 usos, 2% do total) e dêixis temporal (1 uso, 1% do total). Os valores desses usos estão estritamente concatenados à situação comunicativa. Confirmemos:

- (15) eu não sabia ler nem escrever agora eu sei ler, sei escrever, sei assinar o meu nome aonde eu chegar eu faço, às vezes fica até faltando que nem faltou **aí** letra mesmo ((ela se refere à assinatura do documento de livre-consentimento da entrevista minutos antes de iniciá-la, pois ela havia errado a escrita de seu nome)) (Entrevista com a aluna R, linhas 147 a 151)

(16) eu sei dizer meu nome letra por letra “diga **aí** o seu nome!” (Entrevista com a aluna A, linha 113)

O trecho (15) apresenta o “aí” com função dêitica, isto é, o “aí” aponta para o texto de livre-consentimento existente na situação comunicativa. Já o trecho (16) reporta ao instante em que hipoteticamente alguém pediria à falante para ler o seu nome. Em tal caso, o aí tem função semelhante ao item “agora”. Verifiquemos essa substituição:

(16a) eu sei dizer meu nome letra por letra “diga **agora** o seu nome!”

Os outros valores e formas do “aí” restringem-se a três casos somente que pertencem ao grupo do maior grau de instrução. Vejamos:

- (17) Mesmo com essas dificuldades, entendeu? já os alunos da cidade, passa uma pessoa na frente e porque é amigo dele passa na sala “já largasse?” “já” “então eu também larguei” eles largam a si próprios e **aí** vai, perde o conhecimento total da aula (Entrevista com a professora, linhas 213 a 216)
- (18) o perfil do aluno da cidade é um perfil de um aluno que a empresa tá solicitando **aí** ele/ que ele conclua aquele Ensino Médio (Entrevista com a professora, linhas 219 a 221)
- (19) então na sala tem gente de bem e também outros **aí** que deveriam ser de bem... ((risos)) (Entrevista com a professora, linhas 232 e 233)

A expressão “aí vai” encontrada em (17) é chamada por Pereira e Oliveira (2011) de estrutura pré-fabricada. Em outras palavras, segundo os autores, essa estrutura é o resultado de convenções sociais utilizadas. Em (17), a expressão “e aí vai” transmite ideia de ação contínua, isto é, indica que o fato narrado ocorre constantemente sem que haja uma reavaliação por parte do estudante ou qualquer intervenção – algo que virou hábito. Em 39, por haver uma interrupção, não fica muito claro o motivo do uso do “aí”, pois tanto poderia indicar uma introdução de efeito (que é o mais provável já que após a interrupção falou-se ainda de como o aluno deve se comportar), como poderia indicar introdução de tema relevante ou até sucessão de acontecimentos.

E, por fim, em (19), o “aí” possui uma função que Pereira e Oliveira (2011) chamam de “especificador de sintagmas nominais indefinidos”. Uma de suas justificativas para considerá-lo como tal seria o fato de “aparecer junto ao sintagma nominal” (p. 1839), o que o caracterizaria como qualificador. Os autores apontam para o fato de existir “uma vontade de querer revelar a ideia presente no sintagma nominal” (idem). No entanto, vamos mais a fundo, pois acreditamos que talvez esse uso indique ainda **dúvida**, incerteza ou **exclusão de informação** que, para o falante, seja irrelevante ou que queira omitir (nessa última hipótese, o “aí” expõe a existência de algo específico, mas não há um compromisso/necessidade de revelar tal dado). Acreditamos que em (19) ocorra essa exclusão de informação por não haver relevância ao turno da falante.

De acordo com Pereira e Oliveira (2011), os usos de especificador de sintagmas nominais indefinidos e de estrutura pré-fabricada, pelo que pudemos verificar, estão no *continuum* da gramaticalização entre os usos anafóricos (menos abstratos) e de sequenciação (mais abstratos).

#### 4.1. Propondo outro esquema<sup>3</sup>

Esta seção tem como finalidade principal apresentar reformulações no esquema apresentados na seção 3 por percebemos que algumas formas encontradas em nosso *corpus* ficariam excluídas. É imprescindível salientar que estas reformulações pretendem complementar as informações contidas nos esquemas já exposto e, inclusive, promover uma comparação entre os dados dos autores investigados e os nossos.

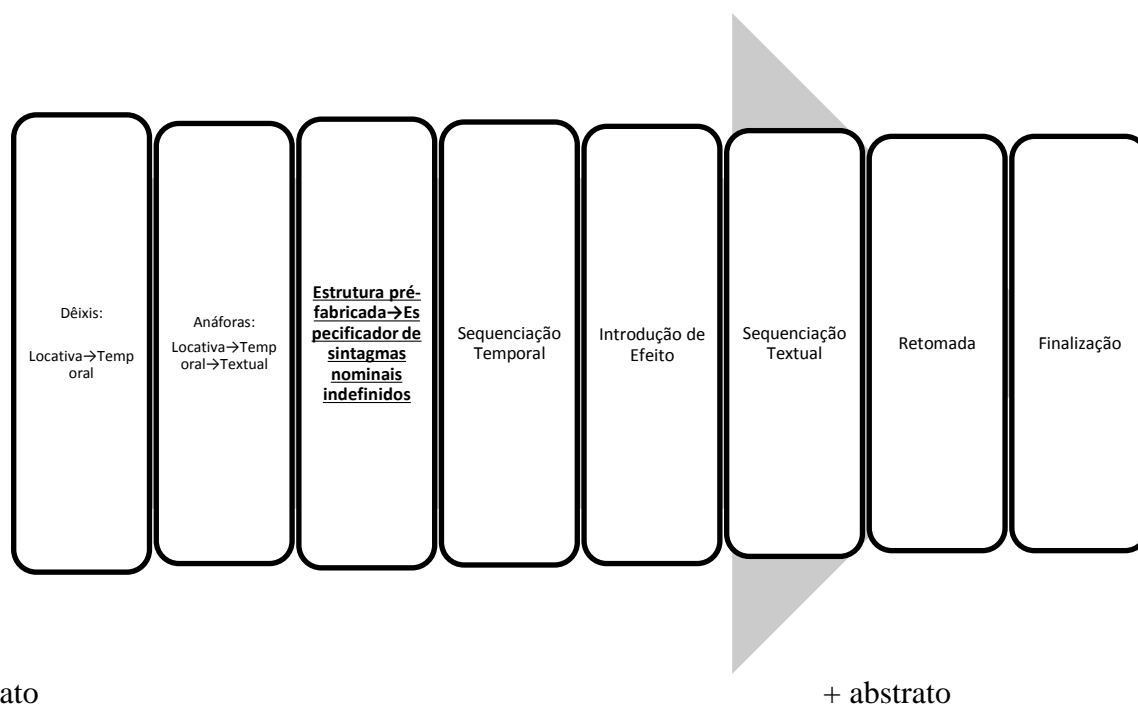
Duas formas e, por que não dizer duas funções do “aí”, foram encontradas e que ainda merecem ser estudados mais a fundo, são os casos: “aí vai”; e “outros aí”. Como vimos, Pereira e Oliveira (2011) nos indicaram duas caracterizações apesar de não esmiuçá-las profundamente em seu artigo. Para delinear o uso “aí vai”, os autores nos mostraram que essa construção é chamada de “estrutura pré-fabricada” resultante de convenções sociais. Tal definição não deixa muito claro o propósito dessa construção. Então, afirmamos que essa construção tem como finalidade indicar *continuidade na ação* exemplificada no trecho 38.

Outro uso do “aí” descrito por Pereira e Oliveira (2011) é o “especificador de sintagma nominal indefinido”, como é o caso encontrado em “outros aí” no trecho 40. Para os autores, a localização próxima a um sintagma nominal e a “vontade de querer revelar a ideia presente no sintagma nominal” (p. 1839) caracterizam-no com essa função. Conforme foi exposto anteriormente, essas formas foram consideradas mais abstratas que os usos anafóricos e menos abstratos que os usos de sequenciação<sup>4</sup>, configurando o esquema que simboliza o *continuum* do processo de gramaticalização do termo “aí” da seguinte maneira:

---

<sup>3</sup> Esquema apresentado na dissertação de mestrado intitulada: “O processo de gramaticalização de e, aí, mas, assim e então em falantes de distintos graus de instrução” defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB), orientada pelo professor Doutor Camilo Rosa da Silva (Cf. SILVA, 2013, p. 79).

<sup>4</sup> Consideraremos a posição adotada pelos autores para constituir nosso **esquema 2** por entendermos que essas formas e funções estejam em transição entre a foricidade e a sequenciação. Se bem que é notório o caráter sequencial da forma “aí vai”.



Esquema 2: Processo de gramaticalização/discursivização do termo “aí”, de acordo com os dados desta pesquisa

## 5. Considerações finais

Nesta seção, apresentaremos prioritariamente os usos mais recorrentes do termo em questão dos falantes com mais ou menos graus de instrução, a fim de deixar mais claras as nossas considerações finais.

Como era de se esperar, os usos do *aí* não apresentaram uniformidade. Os usos dos alunos foram prioritariamente relacionados à *sequencição temporal*. É bem verdade também que os alunos utilizaram esse termo muito mais que a professora. O que tudo indica é que o “aí” foi utilizado majoritariamente para suprir a necessidade de promover conexões entre ações que se sucedem. Os usos do *aí* efetuados pela professora – que se restringiram a 9 ocorrências – oscilam entre *anáfora temporal* (menos abstrato), *sequencição textual* (mais abstrato) e *estrutura pré-fabricada e especificador de sintagma nominal indefinido* (que são menos abstratos)<sup>5</sup>. Portanto, podemos concluir que, além de o “aí” ser mais utilizado pelo grupo com menor nível de instrução, o uso desse grupo foi mais abstrato em comparação ao uso apresentado pelo outro grupo.

Em linhas gerais, devido a esta pesquisa foi possível perceber que os alunos utilizaram esse item mais vezes do que a professora e com uma função diferente da utilizada por ela. Isso pode significar que, apesar de os indivíduos interagirem na sala de aula (durante quase 1 ano), não foi perceptível uma mudança de comportamento quanto ao uso do “aí” nas falas dos alunos nem tampouco da professora.

<sup>5</sup> Os critérios de comparação utilizados para classificar os usos da professora como mais ou menos abstrato têm como parâmetro o uso do “aí” produzido pelos alunos que, nesse caso, foi o de sequenciador temporal.

## Referências

**ANTUNES**, Irandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

**BRÉAL**, Michel. *Ensaio de semântica – ciência das significações*. Coordenação e revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. Campinas, 2. ed., Editora RG, 2008.

**CALVET**, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

**CASTILHO**, Ataliba T de. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

**DUTRA**, Rosália. *O falante gramático: introdução à prática do estudo e do ensino do português*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

**FARACO**, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: **MUSSALIM**, Fernanda e **BENTES**, Anna Christina. (orgs.) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. (vol. 3). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

**FERNANDES**, Cleudemar Alves. *(Re) tratos discursivos do sem-terra*. Uberlândia: EDUFU, 2007.

**GONÇALVES**, Sebastião Carlos L., **LIMA-HERNANDES**, Maria Célia & **CASSEB-GALVÃO**, Vânia Cristina.(org.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

**ILARI**, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: **MUSSALIM**, Fernanda e **BENTES**, Anna Christina. (orgs.) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. (vol. 3). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

**KENEDY**, Eduardo. Gerativismo. In: **MARTELOTTA**, Mário E. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2010.

**LAKOFF**, George & **JOHNSON**, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

**MARCUSCHI**, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

**MARTELOTTA**, Mário Eduardo, **NASCIMENTO**, Enrico e **COSTA**, Sílvia. Gramaticalização e discursivização de assim. In: **MARTELOTTA**, Mário Eduardo, **VOTRE**, Sebastião Josué e **CEZARIO**, Maria Maura. (org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

**MARTELOTTA**, Mário Eduardo e **SILVA**, Lucilene Rodrigues. Gramaticalização de então. In: **MARTELOTTA**, Mário Eduardo, **VOTRE**, Sebastião Josué e **CEZARIO**, Maria Maura. (org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

**MARTELOTTA**, Mário Eduardo e **ALCÂNTARA**, Fabiana. Discursivização na partícula né?. In: **MARTELOTTA**, Mário Eduardo, **VOTRE**, Sebastião Josué e **CEZARIO**, Maria Maura. (org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

**MARTELOTTA**, Mário E. e **AREAS**, Eduardo K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: **CUNHA**, Maria Angélica F. da et al. (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

**MARTELOTTA**, Mário E. Conceitos de gramática. In: **MARTELOTTA**, Mário E. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2010.

**NEVES**, Maria Helena M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

**NEVES**, Maria Helena M. Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos. In: **CHRISTIANO**, Maria Elizabeth A., **HORA**, Dermeval. e **SILVA**, Camilo R. (orgs.) *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004.

**PEREIRA**, Edvaldo dos Santos e **OLIVEIRA**, Joseane Moreira. *Gramaticalização do item aí: uma abordagem multifuncional*. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. pp. 1833-1844.

**PERINI**, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2009.

**PEZATTI**, Erotilde G. O funcionalismo em linguística. In: **MUSSALIM**, Fernanda e **BENTES**, Anna Christina. (orgs.) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. (vol. 3). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

**ROCHA**, Ana Paula. *Gramaticalização da conjunção mas: reflexões a partir do modelo de Sweetser (1991)*. In: Domínios de Linguagem. Revista Eletrônica de Linguística. Ano 1, nº2 – 2º semestre de 2007.

**SAUSSURE**, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

**SILVA**, Camilo Rosa. *Mas tem um porém...: mapeamento da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos*. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB, 2005.

**SILVA**, Hugo Henrique B. *O processo de gramaticalização de e, aí, mas, assim e então em falantes de distintos graus de instrução*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 2013.

**SOARES**, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 14. ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.

**TAVARES**, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. (Tese de Doutorado). Florianópolis: UFSC, 2003.

**WEEDWOOD**, Barbara. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.